

# O conto dos três presidentes

**Mário Mesquita**



**C**om a vitória da presidente Dilma nas eleições, o Partido dos Trabalhadores (PT) estenderá seu controle sobre a Presidência por pelo menos mais quatro anos. Como o partido está no poder desde 2003, não deveria existir dúvida sobre os rumos da política econômica. Só que não.

As dúvidas sobre a política econômica do segundo mandato têm duas origens. Em primeiro lugar, existe incerteza porque na realidade a política econômica foi diferente nos três mandatos petistas.

Recapitulemos. No primeiro mandato de Lula, até a saída do ministro Palocci, tivemos uma equipe econômica bem ortodoxa, com práticas idem. No segundo, seja por tolerância ou incentivo do presidente, estabeleceu-se uma tensão permanente, e bem cansativa, entre o Ministério da

Fazenda, que assumiu postura heterodoxa e o Banco Central, que procurou seguir na linha da ortodoxia. No governo Dilma, em especial a partir de agosto de 2011, guinamos para um predomínio da heterodoxia, com foco na preservação do emprego, à qual as demais prioridades de política econômica foram subordinadas — diversos analistas e fontes oficiais passaram a saudar esta última configuração como a "verdadeira" política econômica do PT.

A outra fonte de dúvida reside na avaliação, que predomina entre os economistas independentes (inclusive egressos de antigas gestões petistas), de que a política econômica adotada nos últimos anos não teria logrado os resultados almejados, dado que o país, com exceção da taxa de desemprego, ostenta números macroeconômicos (sejam referentes à inflação, crescimento, setor externo ou fiscal) sensivelmente piores que seus pares na região ou no mundo emergente em geral. Se a política não funcionou a contento, então dita a lógica que deve ser alterada.

A presidente reeleita pode buscar inspiração na experiência econômica republicana, tanto a recente quanto a mais remota. Na verdade, há uma bem estabelecida tradição de iniciar o governo com um período de ajuste e concluir-lo

com uma fase de expansão. Esse sequenciamento tem sido denominado de projeto Campos Sales-Rodrigues Alves, em memória aos políticos que presidiram o país entre 1898 e 1906. O primeiro período, do presidente Campos Sales, foi caracterizado pelo esforço de ajuste fiscal e estabilização da moeda. O segundo, de Rodrigues Alves, pela expansão forte da economia, que se beneficiou do ajuste do antecessor bem como da melhoria das condições externas.

Meio século depois, Getúlio Vargas, o fundador do trabalhismo brasileiro, iniciava seu segundo mandato (que, ao contrário do primeiro, veio das urnas) sob o signo do projeto Campos Sales-Rodrigues Alves, uma fase de " saneamento financeiro" que seria seguida pela fase de expansão e aceleração do crescimento. A economia, naquela época, como agora, precisava lançar mão de poupança externa para acelerar o crescimento e a fase Campos Sales era, ao menos em parte, pautada pela necessidade de assegurar financiamentos externos, inclusive por parte do governo americano e do Banco Mundial. Conscientemente ou não, a estratégia da dupla Palocci-Meirelles emulou esse tipo de programa e foi, de fato, mais exitosa do que a implementada por Vargas e sua equipe econômica.

Na atual conjuntura não existe dependência em relação a fontes oficiais de financiamento externo, mas um déficit em conta corrente próximo a 4% do PIB implica sim dependência do capital externo, e, consequentemente, do sentimento dos investidores internacionais, bem como das agências de classificação de risco.

**Expectativa é que Dilma opte por restaurar a credibilidade para evitar que o país perca o grau de investimento**

Nesse contexto, seguir o exemplo de Vargas e apostar em um projeto Campo Sales-Rodrigues Alves pode ser a única alternativa prudente para o segundo mandato da presidente Dilma. Esta, de fato, parece ser a opção de segmentos do governo, como o Banco Central, como evidenciado pela mais recente reunião do Copom, e também, aparentemente, das lideranças petistas que gravitam em torno do ex-presidente Lula. Mas quem tem a palavra final é a presidente, que já sofre pressão aberta da ala sinistra de seu partido para redobrar a aposta na heterodoxia, aceitando taxas de inflação permanentemente

mais elevadas e uma deterioração contínua das contas públicas em nome da preservação dos avanços sociais (como se fosse possível manter avanços sociais sem estabilidade macroeconômica).

Até aqui, compreensivelmente, a presidente tem sido parcimoniosa nos sinais sobre qual será sua opção, ainda que tenha rejeitado, em sua primeira entrevista na TV depois das eleições, repetir o programa de ajuste de 2003, com a justificativa de que as condições agora seriam mais sólidas e que, consequentemente, seria desnecessário um ajuste como o de 2003, no qual os gastos caíram em 0,6 ponto percentual do PIB.

Mas a expectativa dominante nos mercados é que o experimento heterodoxo, que quase custou à presidente sua reeleição, termine com o primeiro mandato, e que no segundo a presidente opte, pelo menos inicialmente, por restaurar a credibilidade, com vistas a evitar que o país perca a classificação de grau de investimento. O fato é que, a despeito das promessas de campanha, sem a fase Campos Sales, seu governo não atingirá a fase Rodrigues Alves.

**Mário Mesquita**, economista, é sócio do banco Brasil Plural. Foi diretor de Estudos Especiais e depois diretor de Política Econômica do Banco Central. Escreve quinzenalmente, às quintas-feiras.

**"Não tem reforma ministerial na terça-feira. Nem pensar."**

**Da presidente Dilma Rousseff, ao afirmar que não vai anunciar novos ministros logo após retornar da reunião de cúpula do G-20, em Brisbane, na Austrália. Dilma disse que fará mudanças "por partes" em sua equipe e negou ter dado prazo para os ministros entregarem carta de demissão**

**Cartas de Leitores**

**Seca**

**O que vemos e faz tempo é a falta de planejamento do governo pois a seca era anunciada desde a década de 90, mas nem os governos e nem os parlamentares atentaram para este fato, portanto acredito que todos são responsáveis. Ao meu ver, a população paulistana faz severas críticas, e está correta, mas onde entra o compromisso de cada um? Onde estão essas pessoas que reclamam quando são chamadas para fazer um uso mais criterioso da água? Eu faço a minha par-**